

Materiais lúdicos

Bloco Nacional

Brincadeira de roda

Antes de ler o texto ou promover a brincadeira, perguntar às crianças quem já brincou de Corre cutia:

1. Como é que se brinca de corre cutia?

Corre cutia (conhecida também como “Lenço atrás”, “Lencinho branco”, entre outros nomes) é uma brincadeira que mistura pega-pega com roda e possui variações, de acordo com a cultura local. Não se sabe a origem exata dela, mas é considerada uma parlenda típica do folclore brasileiro, bastante conhecida nas regiões Centro-Oeste e Sudeste.

Corre cutia

Corre cutia
De noite e de dia
Debaixo da cama
Na casa da tia
Corre cipó
Na casa da avó
Lencinho na mão
Caiu no chão
Moça bonita do meu coração
Criança: Posso jogar?
Roda: Pode!
Criança: Ninguém vai olhar?
Roda: Não!

Cantiga popular.

Como brincar:

- Sentar-se no chão, em círculo, com a turma toda.
- Uma das crianças deve correr do lado de fora da roda com um lenço ou uma bola na mão, ao ritmo da parlenda.
- Tapar os olhos com as mãos, enquanto a criança que está de pé deixa cair o objeto atrás de uma que esteja sentada.
- Esta deve pegar o lenço e correr, tentando alcançar a outra criança antes que ela ocupe o lugar vago na roda.
- Quem é pego tem de pagar uma prenda, ou seja, cumprir um desafio definido pelo grupo.
- Caso a criança consiga sentar na roda sem ser pega, a brincadeira deve recomeçar com quem ficou de pé.

Orientações didáticas

A brincadeira permite que se trabalhe condicionamento, agilidade, atenção e socialização. Por isso, é interessante propô-la à turma. Ler o texto para as crianças e comparar o que ouviram com o que já conheciam sobre as regras da brincadeira. Depois, pedir que expliquem como a brincadeira se desenrola, trabalhando a compreensão oral e a oralidade.

Organizar a brincadeira com as crianças em um espaço sem obstáculos, que minimize riscos de se machucarem enquanto correm.

Observar com a turma o ritmo da parlenda. Seria interessante que, antes de brincarem, falassem a parlenda marcando o ritmo com palmas para que percebessem como ele é sinalizado nos versos. Esse é um recurso da linguagem poética que será trabalhado pelas crianças em outros momentos. Perceber a possibilidade de associar ritmo (próprio da linguagem musical) às palavras (matéria da linguagem verbal) nas brincadeiras acentua o caráter lúdico que tem a linguagem poética.

Lenda do saci

O saci é uma das mais populares figuras do folclore brasileiro. Vem da tradição oral, mas hoje aparece em livros, histórias em quadrinhos e programas de TV. Vários autores e ilustradores se ocuparam desse personagem que vive fazendo estripulias: Monteiro Lobato, Ziraldo, Mauricio de Sousa. Verificar a possibilidade de trazer algum livro ou revista em quadrinhos sobre o Saci desses autores para mostrar à turma.

Saci ou Saci-Pererê é uma lenda de um menino de uma perna só, que data do fim do século XVIII ou começo do século XIX, originalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, mas que ganhou popularidade em todo o país. O Saci é responsável por diversas travessuras, mas concede os desejos de quem tomar sua carapuça vermelha, já que se não estiver com ela perde seus poderes fantásticos, como o de ficar invisível. O Saci foi imortalizado como personagem nos livros de Monteiro Lobato.

Saci

Nem todos os redemoinhos que levantam as folhas e bagunçam as roupas no varal são causados pelo vento. Há quem diga que um menino sapeca, de uma perna só, que usa um gorro vermelho é o verdadeiro culpado dessa e de outras travessuras.

Ele vive aprontando por aí: adora assustar pessoas e bichos, fazer as coisas da casa sumirem, queimar ou salgar demais a comida no fogão, dar nós no rabo dos cavalos, além de aparecer e desaparecer de repente.

Esse menino vive dando gargalhadas e sabe assobiar muito forte. Mas morre de medo de ser caçado e ter seu gorrinho roubado, pois lá guarda todo o seu poder. Para tê-lo de volta, o saci realiza o desejo de quem tomou seu gorro. Quem quer tentar a sorte e caçá-lo deve jogar uma peneira dentro do redemoinho do saci.

Domínio público.



NiD Possibilidades Ilustradas
O Saci.

Orientações didáticas

Explorar aspectos da lenda com as crianças: lembrá-las de que se trata de uma lenda tradicionalmente brasileira. Conversar sobre o espírito brincalhão da personagem, as características físicas e sobre as vestimentas. O texto também se refere a um modo de acabar com o poder do Saci. Perguntar:

1. Quais travessuras o Saci costuma fazer?
2. De que modo o Saci perde seus poderes?
3. O que a pessoa pode fazer para caçar o Saci?

4. Se a pessoa conseguir pegar a carapuça do Saci o que ela ganha em troca?

Se achar interessante, ler o livro **O Saci**, de Monteiro Lobato, e, em seguida, perguntar à turma quais informações ele acrescenta ao que o outro texto traz.

Depois de conversar sobre o texto, pedir às crianças para criarem um desenho do Saci e recortarem em formato de quebra-cabeça. Elas devem trocar entre si o que produziram para que algumas montem os quebra-cabeças que as outras fizeram.

O ilustrador Ziraldo escreveu uma série de histórias agrupadas em um livro intitulado **A turma do Pererê**. As histórias, passadas em uma floresta, são vividas por vários animais e personagens do folclore brasileiro, entre elas, o Saci. Propor às crianças a leitura dessas histórias, caso esse livro não esteja disponível na biblioteca da escola, solicitar ao bibliotecário algumas sugestões de livros sobre o mesmo tema.

Lenda da mandioca

A mandioca tem uma presença importante na mesa brasileira. Ela também é conhecida como aipim, uaipi, maniva, maniveira, pão-de-pobre, entre outros nomes. Antes de ler a introdução, seria interessante comentar isso com as crianças.

A mandioca é nativa da Amazônia brasileira e foi cultivada por diversas tribos indígenas desde o primeiro milênio antes de Cristo. Também teve papel importante na alimentação dos africanos escravizados e também dos portugueses.

Para mais informações sobre o tema, sugerimos o *link* a seguir:

- **Mandioca, de norte a sul do Brasil.** Disponível em: <<http://www.petitgastro.com.br/mandioca-de-norte-a-sul-do-pais/>>. Acesso em 24 jan. 2018.

Mandioca, ou macaxeira, aipim, entre outros tantos nomes, é um tubérculo originário do Brasil, cultivado pelos indígenas antes mesmo da chegada dos colonizadores. O indígena buscava explicar por meio de suas lendas tudo o que acontecia ao seu redor, numa espécie de veneração e respeito. Dessa maneira, para eles, a mandioca nasceu primeiramente do túmulo de Mani.

Origem da mandioca

Há muito tempo, numa tribo indígena, nasceu uma linda indiazinha. Seu nascimento foi um verdadeiro mistério, pois o pai e a mãe ficaram espantados com a pele branquinha da menina. O nome da menina era Mani. Ela era linda, muito quieta, comia e bebia muito pouco. Não queria brincar e não queria se alimentar.

Foi então que sem nem ficar doente, ou sentir dor, Mani morreu. Como era o costume, Mani foi enterrada dentro de sua casa e, diariamente, a família regava o local. Um dia, brotou de seu túmulo uma planta que a tribo nunca havia visto e, por isso, deixaram-na crescer, florescer e dar frutos.

Passado um tempo, a terra rachou onde havia a planta. Cavaram pouco e apareceram raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, os meninos índios. Mas a polpa era branquinha, quase da cor de Mani. Foi assim que os indígenas passaram a cultivar e se alimentar da mandioca, palavra que vem de MANI OCA: casa ou transformação de Mani.

Domínio público.

Orientações didáticas

Depois da leitura, propor às crianças algumas questões. Perguntar:

1. Quais eram as características da indiazinha Mani?
2. O que aconteceu com a Mani na lenda?
3. Quais são as semelhanças entre Mani e a mandioca?
4. Segundo a lenda, como surgiu a mandioca?

Enfatizar às crianças que a história de Mani explica a origem de um elemento da natureza – a mandioca. Ela é uma história, um relato oral sobre a origem fantástica de um alimento muito importante para os indígenas.

A morte de Mani é cercada de mistério, pois ela não ficou doente. Perguntar à turma por que pode ser um mistério a morte da menina; depois conversar sobre a associação entre o mistério e o mito: a explicação da origem da mandioca associada ao inexplicável, a um acontecimento miraculoso.

Explorar um pouco da culinária que usa a mandioca como ingrediente. Quais pratos as crianças conhecem que são feitos com ela? De qual gostam? Chamar a atenção para a importância desse alimento na mesa brasileira.

Para finalizar, conversar sobre elementos da cultura indígena presentes na lenda, como a moradia e o cultivo dos alimentos.

Se desejar, ampliar as informações buscando dados e/ou imagens sugerimos o *site* a seguir:

- **Mirim Povos indígenas no Brasil.** Disponível em: <<https://mirim.org>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

Peteca

Caso tenha trabalhado a lenda da mandioca e explorado elementos da cultura indígena pode-se perguntar quem joga peteca, quem gosta do jogo. Em seguida, explorar as informações a seguir:

Peteca é um brinquedo infantil de origem indígena, muito popular no Brasil, e que vem ganhando adeptos em outros países. Em 1985, o esporte da peteca foi oficializado e teve suas regras codificadas. Para os jogos oficiais, a peteca é composta por discos de borracha sobrepostos com o diâmetro de 5 cm e possui quatro penas geralmente brancas, totalizando a altura de 20 cm. Já para a brincadeira das crianças, a base da peteca pode ser construída com os materiais mais inusitados: tecido ou couro cheio com areia, palha de milho, casca da bananeira e até papel e saco plástico.

Peteca feita de papel e plástico

Material:

- Folhas de papel reaproveitadas: revistas velhas, jornais velhos ou folhas inutilizadas de cadernos dos anos anteriores
- Saco plástico
- Fita adesiva ou barbante

Como montar a peteca:

Amasse bem as folhas de papel e preencha o fundo do saco plástico com elas.

Amarre a parte de cima do saco em volta de si mesma, prendendo-a com fita adesiva.

Deixe um furo no meio.

Espete pedaços compridos de papel no furo, como se fossem as penas da peteca.

Como brincar:

- Dividir os jogadores em dois times, jogando a peteca de um lado para o outro, sem deixar cair.
- Se ela cair, o time adversário marca ponto.

Variantes:

- Jogar peteca em roda, eliminando da brincadeira os jogadores que a deixarem cair, e aquele que ficar até o fim é o vencedor.
- Manter uma pessoa no meio da roda, espalmando a peteca para as demais. Quem deixar a peteca cair vai para o meio da roda, trocando com outro jogador.

Orientações didáticas

Solicitar, com antecedência aos responsáveis pelas crianças, que enviem os materiais necessários para a produção da peteca.

Organizar a turma para construir as petecas. As crianças podem ser divididas em grupos, organizados em volta de uma mesa sobre a qual será produzida a peça. Orientar a confecção da peteca passo a passo auxiliando as crianças caso tenham alguma dificuldade. Essa vivência deve favorecer a concentração, a colaboração, habilidades manuais e a interação entre as crianças.

Depois que a peteca estiver pronta é hora de brincar. Escolher um lugar aberto, onde a turma possa jogar sem perigo de o objeto tocar em fios, lâmpadas etc. Propor que experimentem brincar das duas maneiras descritas no texto: em grupos pequenos e numa roda maior.

Estimular as crianças a rebater a peteca de maneiras diferentes: com a mão direita, com a mão esquerda, por cima da cabeça, na altura da cintura etc. Se acharem interessante, podem

estabelecer uma pontuação para o jogo; por exemplo, quem deixar cair ganha um ponto, por isso, quem fizer mais pontos perde. Chamar a atenção para essa variação, pois quem tem mais pontos será o perdedor.

Ao final, conversar sobre o que acharam mais divertido e porquê. Essa brincadeira trabalha diversas habilidades, como agilidade, atenção, coordenação motora, espacialidade, condicionamento físico, concentração, força, entre outras.

Passa-anel

Antes de comentar o texto e organizar a brincadeira, perguntar às crianças quem já brincou de **Passa-anel**. Observar também o que significa o nome da brincadeira: passar um anel. Perguntar o que simboliza esse objeto e reforçar que ele, na cultura ocidental, simboliza união, amizade. Assim, ao passar o anel, passa-se também uma mensagem de amizade. A brincadeira estimula estratégias e permite que a imaginação, a criatividade, a atenção e a organização sejam trabalhadas.

Passa-anel é uma brincadeira em grupo, bastante versátil, por isso espalhou-se pelo país. O número de participantes é livre, com o mínimo de quatro jogadores. A faixa etária é a partir de 4 anos, o que possibilita que crianças mais velhas, adultos e até os avós participem da brincadeira. O espaço para realizar a brincadeira pode ser ao ar livre ou em ambiente fechado. O mais interessante é que não há vencedor, todos se divertem tentando descobrir pelas expressões faciais com quem está o anel, além de desenvolver nas crianças a atenção, a capacidade de observação e de estimular o contato físico.

Como brincar:

- Organizar as crianças em meia-lua, uma do lado da outra, com as palmas das mãos unidas e esticadas para frente.
- Segurar entre as mãos um anel ou uma pedrinha.
- Passar as mãos com o anel ou pedrinha entre as mãos das crianças, até deixar cair o objeto nas mãos de uma delas.
- Escolher alguém para adivinhar com quem ficou o anel.
- Se acertar, a criança escolhida será a nova passadora de anel. Caso contrário, a brincadeira segue com a mesma passadora.



Kami Queiroz

Orientações didáticas

Organizar a brincadeira com a classe. O ideal é as crianças se sentarem formando uma roda, mas também podem ficar uma do lado da outra. Cuidar para que o tamanho do anel seja compatível com o tamanho da mão das crianças. Anel muito pequeno é difícil de passar, muito grande fica fácil de adivinhar.

Para a brincadeira ficar mais emocionante, o passador poderá ter mais de um objeto entre as mãos (bola de gude, moeda, além do anel). O jogador escolhido deverá adivinhar qual objeto está nas mãos de quem.

Cirandinha

As brincadeiras de roda, além de garantir entretenimento, favorecem o trabalho com a linguagem, o ritmo, a lateralidade, a convivência em grupo. É provável que a turma conheça a cantiga a seguir. Perguntar quem já brincou de roda cantando essa cantiga. Como é muito conhecida, as crianças podem perguntar em casa se seus familiares brincaram de roda com ela e do que se lembram com base nisso. Esse pode ser um meio de trabalhar a memória e as relações familiares.

Cirandinha é a mais comum das cantigas de roda no Brasil. A ciranda (dança em roda) que se conhece no Brasil é resultado da mistura de danças indígenas, europeias e africanas praticadas por adultos. Ainda hoje temos as cirandas de adultos principalmente no Nordeste brasileiro, e o semelhante baile de fandango no Sudeste, além das danças em roda nas comunidades indígenas. Mas, entre as crianças, a dança, acompanhada de cantigas simples e repetitivas, ganhou imensa popularidade e se espalhou pelo país. Hoje dificilmente haverá quem não conheça os primeiros versos da cantiga **Cirandinha**, mesmo que o resto da cantiga tenha sofrido variações regionais.

Cirandinha

Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia-volta,
Volta e meia vamos dar.
O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou,
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou.
Por isso, [Fulano], agora
Entre dentro desta roda,
Diga um verso bem bonito,
Diga adeus e vá embora.

Cantiga popular.

Como brincar:

- Organizar as crianças em círculo, de mãos dadas.
- Seguir as orientações da letra da música.
- Nos versos “Vamos dar a meia volta,/Volta e meia vamos dar”, rodar para o lado oposto.
- A criança citada vai até o centro da roda para declamar um poema ou uma parlenda ao fim da cantiga.



Waldomiro Neto
Brincadeira de roda.

Orientações didáticas

Antes de promover a brincadeira, explorar os aspectos rítmicos e sonoros da cantiga. Pedir à turma para identificar os sons parecidos em cada estrofe (“cirandar” e “dar”; “quebrou” e “acabou”; “roda” e “embora”). Pedir também para cantarem batendo palmas para perceber o ritmo dela, que tem em geral duas sílabas fortes por verso (“Ciranda, cirandinha,/Vamos todos cirandar,/ Vamos dar a meia-volta,/ Volta e meia vamos dar [...]”). Explicar que sons parecidos em versos recebem o nome de rima. Solicitar que digam palavras que rimam.

Passar então à brincadeira e organizar uma roda com toda a turma. Seria interessante se crianças de outras turmas integrassem a vivência. Perguntar a elas o que acham da ideia. Se aprovada, orientar que convidem as outras turmas e façam uma roda grande.

Perguntar que outras cantigas de roda gostam de cantar e introduzi-las na brincadeira.

Hoje é domingo

Antes de ler a parlenda, explicar que esse gênero textual, geralmente, apresenta um jogo de linguagem, e as crianças deverão observar essa característica na parlenda “Hoje é domingo”. As parlendas estimulam a oralidade e a memorização.

Hoje é domingo é uma das parlendas mais populares no Brasil, embora o gênero não seja de origem brasileira. Os portugueses possuem várias versões de parlendas parecidas com as nossas, as quais chamam lengalenga. São geralmente rimas para serem recitadas de cor, são comuns entre as crianças em razão da facilidade de memorização e ritmo simples. Geralmente não têm música, mas o ritmo é marcado pela acentuação verbal.

Hoje é domingo

Hoje é domingo
Pede cachimbo
Cachimbo é de barro
Bate no jarro
O jarro é fino
Bate no sino
O sino é de ouro
Dá no touro
O touro é valente
Bate na gente
A gente é fraco
Cai no buraco
O buraco é fundo
Acabou-se o mundo.

Cantiga popular.



Sidney Meireles/Giz de cera

Representação artística da parlenda **Hoje é domingo**.

Orientações didáticas

Pedir às crianças para identificarem as rimas na parlenda. Pedir também que elas recitem a parlenda batendo palmas para perceberem o ritmo do texto.

Perguntar sobre o que fala a parlenda – haveria um assunto? O que seria mais importante, o assunto ou a linguagem do texto? Por quê?

Pedir que memorizem a parlenda e organizem dois grupos que deverão dizer a parlenda de cor. Sugerir formas de cada grupo declamar a parlenda: ou todos juntos ou uma parte para cada um.

Levar outras parlendas para a classe (por exemplo, a do **Macaco foi à feira**, ou a de sequência de acontecimentos **Cadê o toucinho que estava aqui?**) e pedir à turma que comparem com a **Hoje é domingo**.

Sapo no saco

Os trava-línguas são uma expressão do folclore que explora, de maneira lúdica, as possibilidades rítmicas e sonoras da linguagem. Em geral, apresentam um desafio que favorece o trabalho com a identificação e a distinção de sons, de sílabas e de palavras, a oralidade, a interação, já que se trata de uma brincadeira em que um texto de fato pode “travar a língua” pelas dificuldades que as sequências sonoras impõem à pronúncia.

Antes de comentar as informações da introdução, a seguir, para ler o trava-língua aqui proposto, brincar com as crianças e ler outro texto desse gênero bem rapidamente para elas, perguntando quem entendeu todas as palavras. Então passar a comentar as informações da introdução.

Trava-línguas são pequenos versos ou quadrinhas feitos para declamação rápida, e as crianças aprendem apenas ouvindo-os.

Sapo no saco

Olha o sapo dentro do saco,

O saco com o sapo dentro,

O sapo batendo papo

E o papo soltando vento.

Quadrinha popular.



Waldomiro Neto
Representação artística da quadrinha Sapo no saco.

Orientações didáticas

Pedir às crianças para memorizarem e repetirem o trava-língua, elas devem repetir em velocidades diferentes e observar a diferença que os diversos ritmos de leitura produzem. Depois, perguntar:

1. Quando é mais difícil recitar o trava-língua?
2. Quando é mais fácil recitar o trava-língua? Por quê?

Solicitar também que identifiquem os sons que se repetem: as sílabas “sa” e “pa”, a insistência na repetição da vogal “a”, aberta, que imprime sonoridade específica no trava-língua, a consoante “p” em “papo”, “sapo”, a rima de “dentro” e “vento”.

Pedir aos responsáveis pelas crianças que, em casa, pesquisem outros trava-línguas. Eles devem ajudar as crianças a registrar e memorizar um trava-língua para que ela possa compartilhar com os colegas na sala de aula.

Quadrilha

A respeito de festejos juninos da região Nordeste, alguns estudiosos também associam a quadrilha a outra dança da nobreza francesa: o minueto. Comentar isso depois de conversar sobre as informações da introdução a seguir.

Quadrilha é uma dança típica das festas juninas brasileiras. Ela possui referências caipiras, como a música que a acompanha, mas sua origem vem da elite da França, onde surgiu com o nome *quadrille*, no século XVIII. Tratava-se de uma dança de salão composta por quatro casais. Ao longo do século XIX, a dança, que foi trazida para a Corte carioca, se popularizou e se misturou com as manifestações brasileiras, aumentando também o número de casais. Mas o marcador da quadrilha, aquele que dá os comandos do próximo passo a ser desempenhado pelos dançarinos, é um resquício da dança francesa que permanece em nossa quadrilha: **Cai, cai, balão** é uma cantiga de roda do folclore brasileiro bastante usada nas festas juninas para acompanhar as quadrilhas infantis.

Cai, cai, balão

Cai, cai, balão
Cai, cai, balão
Aqui na minha mão.
Não cai não, não cai não
Não cai não,
Cai na rua do sabão.

Cantiga popular.



Claudio Chiyo
Quadrilha na festa junina.

Orientações didáticas

Trabalhar o texto com as crianças explorando os recursos rítmicos e sonoros da cantiga. Observar com elas a predominância dos sons nasais (ão) em várias palavras.

Apresentar outras cantigas típicas de festas juninas, que acompanham quadrilha, pode enriquecer a vivência. “Olha pro céu, meu amor”, “O balão vai subindo”, “Pula a fogueira, laiá/Pula a fogueira, loiô”, “Eu pedi numa oração/Ao querido São João/Que me desse um matrimônio”, “Chegou a hora da fogueira/É noite de S. João”, “Com a filha de João/Antonio ia se casar/ Mas Pedro fugiu com a noiva/Na hora de ir pro altar”: esses são os versos iniciais de

algumas das mais tradicionais cantigas de festa junina que podem ser exploradas em sala de aula como forma de ampliar o repertório cultural da turma.

Organizar a dança com a turma selecionando os pares. Se houver um número maior de meninos ou de meninas, estudar com todos como montar: dançar a três, ou duas meninas ou dois meninos. As crianças devem, antes, escolher as músicas que irão acompanhar a quadrilha. Fazer uma apresentação aos responsáveis e/ou à comunidade escolar favorece a integração e costuma ser muito motivador para as crianças.

Amarelinha

Amarelinha é uma brincadeira muito popular no Brasil, em que crianças pulam, com o apoio de uma só perna, as casas, geralmente numeradas, de uma figura desenhada no chão. O nome da brincadeira surgiu da palavra francesa *marelle* (que significa pedaço de madeira, peão ou jogo com o peão). Além de “amarelinha”, é conhecida no Brasil também pelos nomes: macaca, como em Portugal, maré, sapata, avião, academia ou cademia. A amarelinha possui várias versões tanto nas regras como no formato do desenho (quadrado, em forma de trajeto até o “céu”, caracol). Também pode variar o objeto para acertar as casas, como uma pedrinha achatada, um toco, uma moeda, uma tampinha, entre outros.

Depois de ler a introdução, explorar a variedade de nomes da amarelinha mostrando como diferentes culturas podem atribuir diferentes nomes à mesma brincadeira. Qual a relação de *marelle* com a brincadeira? Por que se chamaria macaca? Sapata? *Marelle* é o nome francês para a pedra ou o pedaço de madeira com que se pratica a brincadeira. Lembrar que ela exige que se pule em um pé só; daí, talvez, o nome “macaca” (que pula muito) e “sapata” (sapata é como se nomeia um sapato mais simples ou chinelo em algumas regiões do Brasil; gasta-se muito calçado no movimento que a brincadeira exige).

Como pode ser jogada de diferentes maneiras, perguntar se alguém já brincou e como brincou de amarelinha. Ao descrever, as crianças estarão trabalhando a oralidade.



Ilustra Cartoon
Brincadeira amarelinha.

Como brincar:

- Desenhar no chão com giz (ou riscar no chão de terra ou areia) um percurso contendo dez casas para as crianças pularem, intercalando assim: a primeira, com o número 1, sozinha; depois, as de número 2 e 3 formando um par; o número 4 também numa casa isolada; e assim por diante, até o número 10. No final, desenhar um círculo grande, que é a casa chamada “céu”.
- Cada criança, em sua vez de jogar, deve começar atirando a pedra na casa do número 1. Ela deverá pisar em todas as casas da amarelinha, menos a que tem a pedrinha, sendo sempre um pé em cada uma delas.
- Ao chegar ao “céu”, o jogador fará o percurso de volta, se equilibrando para pegar a pedrinha. Perde a vez se pisar na casa que tem a pedrinha, se cair ou se esquecer de pegá-la.

- Se a criança não se desequilibrar, nem pisar nos riscos das casas, ela fará novamente o percurso, então jogando a pedrinha na casa 2. E assim por diante.
- O jogador também perde a vez se a pedrinha rolar para fora da casa correta. Ele recomeçará de onde parou quando for sua vez.
- Vence quem completar todo o percurso primeiro.

Variantes:

Há quem goste de continuar a brincadeira, dando poder para quem chegou até o “céu” de ter uma das casas somente para si. Nesse caso, a criança vira de costas para o desenho da amarelinha e atira a pedra para trás. A casa em que cair a pedra será sua, os outros jogadores não poderão pisar nela, o que dificulta o jogo. Ganha quem tiver mais casas.

Orientações didáticas

Organizar a brincadeira com a turma em uma área que possa ser riscada com giz. Incentivar as crianças a escrever os números de um a dez no chão. Propor que digam a sequência em ordem crescente e, depois, decrescente, já que a volta começa pelo número mais alto até chegar ao 1.

Aproveitar a oportunidade para fazer perguntas como:

1. Onde está o número 5?
2. Qual é o maior número?
3. Qual é o menor?
4. Qual número está entre o 7 e o 9?

Se julgar interessante, criar pelo menos duas amarelinhas diferentes – a tradicional, tal como descrita no texto, e em forma de caracol, por exemplo. Chamar a atenção para as diferentes formas geométricas envolvidas no desenho: o retângulo ou quadrado, e a forma circular do caracol.

Além de contar e escrever os números, a brincadeira favorece o trabalho com habilidades físicas, como equilíbrio, agilidade, coordenação e força.

Referências bibliográficas

- BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **Personagens encantados**. 2. ed. São Paulo: DCL, 2008. p. 5.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1978. p. 36; 45; 58; 98; 99-100; 117; 339.
- CULTURA CORPORAL. **Origem do Corre cutia**. 10 abr. 2015. Disponível em: <<https://culturacorporal.wordpress.com/2015/04/10/origem-do-corre-cutia/>>. Acesso em: 18 out. 2017.
- EDUCA SEMPRE. **15 músicas para festa junina**. Disponível em: <<http://www.educasempre.com/2013/06/15-musicas-para-festa-junina-julina.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- EMBRAPA. **A mandioca de todos os dias**. 20 abr. 2017. Disponível em: <www.embrapa.br/web/portal/busca-de-noticias/-/noticia/21728046/artigo-a-mandioca-de-todos-os-dias>. Acesso em: 19 out. 2017.
- GUIA INFANTIL. **Amarelinha**. Jogo e brincadeira de criança. Disponível em: <<https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/amarelinha-jogo-e-brincadeira-de-crianca/>>. Acesso em: 23 out. 2017.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOBATO, M. **O Saci**. 56. ed., 17. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2005. p.18-19.
- MAPA do brincar - Peteca. **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <<http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/regioes.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2017.
- PEDROSA, Márcio Alves. **História da peteca**. Confederação Brasileira de Peteca. Disponível em: <www.cbpeteca.org.br/historia-da-peteca/>. Acesso em: 19 out. 2017.
- PETITGASTRÔ. **Mandioca, de norte a sul do Brasil**. Disponível em: <<http://www.petitgastro.com.br/mandioca-de-norte-a-sul-do-pais/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- POVOS INDÍGENAS DO BRASIL MIRIM. Disponível em: <<https://mirim.org/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- RAMOS, Bruna. Saiba de onde vem a quadrilha, dança típica das festas juninas. **Portal EBC**, 7 jun. 2013. Disponível em: <www.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>. Acesso em: 21 out. 2017.
- SOARES, Jéssica. Conheça a origem de 6 brincadeiras populares. **Superinteressante**. História, 25 maio 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/conheca-a-origem-de-6-brincadeiras-populares/>>. Acesso em: 23 out. 2017.
- USP. **Projeto Memórias: brincadeiras de muitos tempos e lugares**. Disponível em: <www.usp.br/memorias/brincadeira.php?brincadeira=13&nome-brincadeira=%20Passa%20anel>. Acesso em: 20 out. 2017.